

Sujata Bhatt
Rua Mozart, número 18

Estou sentado no Spielplatz
aqui perto da esquina da Rua Mozart
e pergunto-me
onde a culpa termina
e onde começa;
ao passo que as crianças estão brincando na areia
e o rapazinho de dezasseis meses,
de quem tomo conta, me joga areia
sobre o colo.
Não vejo como a culpa poderia começar aqui.

E contudo,
há edifícios em Bremen
que não posso deixar de considerar nefastos.

E existe este sonho
que não me larga --
Carinhosamente ele começa uma noite com isso-
a descer comigo a escada, saindo
depois da casa,
minha mão na porta húmida de chuva--
é o momento exato quando os vejo;
estão todos lá
uma multidão internacional
todos impecavelmente vestidos de preto e branco
casacos compridos e ondulados
um cintilar de colarinhos brancos...
A presença deles torna mais quente a manhã húmida,
o aroma de café fresco divide o ar
com o ar de sua roupa e de chocolate.

Andam devagar totalmente como turistas
que têm muito tempo.
Eles vêm da rua vizinha
em direção da Rua Mozart, em minha direção
enquanto estou junto ao portão.
Não é dita nenhuma palavra
mas todos me saúdam e mostram
esta casa, n° 18 ,
Saúdam-me com os olhos,
cheios de perguntas, há alguma coisa
que querem-me perguntar mas não me ocorre
o que poderia ser. Não se diz palavra nenhuma
mas todos fitam-me no fundo dos olhos,
separadamente,
cada um com as suas próprias perguntas,
cada uma com as suas próprias perguntas.

Lembro-me de todos os seus olhos todos escuros,
escuros, mas cada um de uma escuridão diferente,
um campo de flores escuras
e troncos de árvores completamente cobertos
com centenas de borboletas escuras...
é quando tento pela primeira vez falar e mexer-me
para dizer pelo menos "bom dia".
Mas não posso.

Continuo a fitar-lhes os olhos tranqüilos,
frescos e claros
como se tivessem dormido bem.
E penso que estranho, enquanto estou
imóvel junto ao portão,
parecem conhecer-me, que estranho
que não falem e por que estão apontando com o dedo
para esta casa ?

Rua Mozart, n° 18. É importante?
Importa onde vivemos,
o que sucedeu anteriormente?
Pergunto-me isto
enquanto as crianças estão brincando na areia
e o rapazinho de 16 meses, de quem tomo conta,
me joga areia sobre o colo.

Uma coisa é saber
o que aconteceu anteriormente
mas uma coisa totalmente diferente é ler a lista
de nomes, de ruas, de casas...
Uma coisa é saber
o que aconteceu anteriormente
mas uma coisa totalmente diferente é morar hoje aqui
e descobrir exatamente quem viveu onde em 1937, 1938...
é examinar o « Bremer Adreßbuch » de então, repleto
de anúncios
comparando-o com estatísticas de 1983.
Quem foi preso, fuzilado.
Quem foi enviado para Minsk, quem escapou...

A família Ries, por exemplo,
que morou na Rua Mozart, n° 25
Albert e Emma com os seus dois filhos Günther e Cäcilie
partiram para os Estados Unidos
no dia treze de Dezembro de 1938.
A casa deles não existe mais.

Mas o número 18 continua sendo um mistério.
O alfaiate Theodor Gruja
viveu aqui tendo uma loja no andar superior.
Há ainda outros cinco inquilinos
neste edifício registrados em 1937.
Este edifício de 1854 onde
me sinto tão livre com estes tectos de quatro metros de pé-direito,
janelas altas por toda a parte que deixam entrar a luz.
O lugar ideal para um alfaiate
digo à senhoria quando estamos sentados na varanda
tentando imaginar o que aconteceu a Theodor Gruja.
Ao tomarmos um café com uns pastéis conta-me
sobre as milhares de agulhas que ela achou por toda a parte no chão, alfinetes e agulhas;
conta-me sobre a esposa judia dele
que foi mandada embora para os Estados Unidos. *Milhares de agulhas,*
repete, e alfinetes cravados na parede.
Diz que isso foi em 1975 quando comprou a casa
e restaurou-a salvando-a da demolição.
Diz que havia milhares de alfinetes e nenhuma casa de banho
indicando o lugar no quintal
onde tinham estado as latrinas sem descarga.

Por que tantos alfinetes que até estavam cravados
nas paredes?
Vejo rios cheios de agulhas
dos quais correm trilhas de prata de uma sala para outra --
Quem jogou
tudo ao chão? Quem levou as máquinas de costura?
Quem levou os vestidos? Vejo rios cheios
de agulhas, brânquias húmidas e trêmulas,
e numa miragem da luz solar poderiam ser
salmões recém-nascidos do ovo os quais observo da ponta de um penhasco,
peixes formando trilhas prateadas.

Estamos em abril agora
e no grande castanheiro vicejante
já brotam as primeiras folhinhas,
tão pequeninas como as mãos de um bebê de seis meses.
Falamos da esposa judia do alfaiate
e contemplo a árvore
com uma angústia impaciente nas minhas pernas
sabendo que a árvore estava aqui durante todos esses anos --
como se pudesse culpá-la ou mesmo interrogá-la.
Agora temos estes dias mais longos:
Abril, maio, junho, as folhas do castanheiro crescem
e os nossos quartos e salas estão cheios de tanta luz,
assim que não posso cessar de refletir
sobre o alfaiate Gruja
e a sua esposa.